

## A Literatura Indígena como via de Ressignificação do Passado: narrativas de resistência, entre-lugar e pensamento fronteiroço na América Latina

### Indigenous Literature as a way of Resignifying The Past: narratives of resistance, in-betweenness and border thinking in Latin America

Marcivânia Ferreira de Sousa <sup>1</sup>  
UFT

**Resumo:** Este artigo analisa a literatura indígena contemporânea como espaço privilegiado de ressignificação do passado histórico e de enfrentamento às narrativas hegemônicas da colonialidade na América Latina. O diferencial desta pesquisa reside em demonstrar que essa literatura não visa apenas a inclusão de vozes indígenas no cânone, mas o deslocamento dos próprios critérios coloniais de validação do conhecimento, desafiando a hegemonia da historiografia oficial. Parte-se da compreensão de que a historiografia eurocêntrica produziu silenciamentos sistemáticos dos povos originários, reduzindo seus saberes a posições marginais. O objetivo central é analisar a obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), compreendendo-a como uma produção do “entre-lugar”, conforme Santiago (2000), e como manifestação do “pensamento fronteiroço”, segundo Mignolo (2003). Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa e interpretativa, articulando a análise literária com a revisão teórica do Pensamento Decolonial a partir de autores como Quijano (2005), Dussel (2012), Mignolo (2003), Walsh (2009), Grosfoguel (2006) e Santiago (2000). A contribuição científica inovadora deste estudo consiste em evidenciar que a narrativa indígena analisada desestabiliza as fronteiras disciplinares entre literatura, etnografia e filosofia, operando como uma prática de desobediência epistêmica que afirma a legitimidade de ontologias e cosmopolíticas indígenas. Conclui-se que a literatura indígena não apenas ressignifica o passado, mas projeta horizontes ético-políticos únicos e indispensáveis para a descolonização das epistemologias e do imaginário latino-americano.

**Palavras-chave:** Literatura indígena; Pensamento decolonial; Entre-lugar; Pensamento fronteiroço; Ressignificação histórica.

**Abstract:** This article examines contemporary Indigenous literature as a privileged space for the re-signification of the historical past and for challenging the hegemonic narratives of coloniality in Latin America. The distinctive contribution of this study lies in demonstrating that this literature does not merely seek to include Indigenous voices within the literary canon, but rather to displace the colonial criteria themselves by which knowledge has been validated, thereby challenging the hegemony of official historiography. The study is grounded in the understanding that Eurocentric historiography has systematically silenced Indigenous peoples, relegating their knowledge systems to marginal positions. Its primary objective is to analyze *The Falling Sky: Words of a Yanomami Shaman*, by Davi Kopenawa and Bruce Albert (2015), interpreting it as a production of the “in-between space” (*entre-lugar*), as proposed by Santiago (2000), and as an expression of “border thinking,” according to Mignolo (2003). Methodologically, the study adopts a qualitative and interpretive approach, combining literary analysis with a theoretical review of Decolonial Thought based on the works of Quijano (2005), Dussel (2012), Mignolo (2003), Walsh (2009), Grosfoguel (2006), and Santiago (2000). The innovative scientific contribution of this research consists in demonstrating that the Indigenous narrative under analysis destabilizes

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras, Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras). Porto Nacional, Tocantins, Brasil.. Email: mfs@mail.uft.edu.br

the disciplinary boundaries among literature, ethnography, and philosophy, operating as a practice of epistemic disobedience that affirms the legitimacy of Indigenous ontologies and cosmopolitics. It is concluded that Indigenous literature not only re-signifies the past but also projects unique and indispensable ethical-political horizons for the decolonization of epistemologies and the Latin American imaginary.

**Keywords:** Indigenous literature; Decolonial thought; In-betweenness; Border thinking; Historical resignification.

**Submetido em 31 de janeiro de 2026.**

**Aprovado em 21 de julho 2026.**

## **Introdução**

A história da América Latina foi amplamente consolidada por meio de narrativas coloniais que não apenas silenciaram, mas operaram uma tentativa deliberada de apagar a agência histórica e o protagonismo dos povos originários. Sob a égide do projeto moderno/colonial, a historiografia oficial instituiu uma visão linear e eurocêntrica, na qual os indígenas são reduzidos a figuras de um passado remoto e estático, destituídos de capacidade produtiva de conhecimento. Conforme argumenta (Quijano, 2005), a colonialidade do poder estabeleceu hierarquias epistêmicas que organizam os regimes de verdade, naturalizando o epistemicídio das cosmologias não ocidentais.

Nesse cenário, a literatura indígena contemporânea emerge como uma prática estética, política e, sobretudo, epistêmica de resistência. Embora existam estudos crescentes sobre o tema, observa-se uma lacuna de pesquisa quanto à análise de como essa produção opera especificamente como uma ferramenta de “desobediência epistêmica” capaz de deslocar os próprios critérios de validação do saber, indo além da mera inclusão temática no cânone literário. O diferencial desta análise reside em compreender a literatura como um espaço de “re-in-surgir” (Walsh, 2009), que desafia o monopólio colonial da escrita e propõe a autoinscrição histórica.

Para ampliar este diálogo, o trabalho articula-se a discussões contemporâneas essenciais, como as perspectivas de (Fleck, 2025) sobre a formação do leitor literário decolonial, necessária para descolonizar o imaginário acadêmico, e as reflexões de (Krenak, 2019), que aponta a crise civilizatória atual como uma crise de imaginação decorrente do divórcio entre humanidade e natureza. A contribuição original deste estudo reside em demonstrar que a literatura indígena não é apenas representação, mas uma

prática que projeta horizontes ético-políticos e ontologias relacionais indispensáveis para o futuro do planeta.

Este artigo tem como objetivo analisar a obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de (Davi Kopenawa e Bruce Albert 2015), compreendendo-a como expressão literária de resistência e como prática decolonial. Busca-se investigar como a narrativa se configura como produção do “entre-lugar” (Santiago, 2000) e do “pensamento fronteiriço” (Mignolo, 2000), promovendo a ressignificação do passado colonial e a crítica à modernidade ocidental.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada no diálogo entre a análise literária e o Pensamento Decolonial, apoiando-se em autores como (Quijano, 2005), (Mignolo, 2003), (Santiago, 2000), (Dussel, 2012) e (Walsh, 2009). O texto estrutura-se em cinco seções que percorrem desde a discussão sobre epistemicídio até a projeção de horizontes decoloniais e cosmopolíticos a partir da memória yanomami

## 1. Colonialidade, História e Epistemicídio

A colonialidade, conforme definida por (Quijano, 2005), refere-se à persistência de padrões de dominação que sobreviveram ao fim do colonialismo formal, estruturando relações sociais, raciais e, primordialmente, epistêmicas. No campo do conhecimento, essa lógica manifesta-se através do epistemicídio, caracterizado pela negação sistemática de saberes não ocidentais. Contudo, o epistemicídio não se limita à mera rejeição intelectual; ele está intrinsecamente ligado a uma estrutura de poder que força a submissão cultural em ambientes acadêmicos, onde estudantes indígenas são compelidos a abandonar suas cosmologias para se adequarem aos regimes de verdade eurocentrados.

Esse processo de apagamento é o que (Dussel, 2012) denomina "encobrimento do outro", no qual as populações colonizadas foram destituídas de legitimidade cognitiva para privilegiar a perspectiva do colonizador. Tal dinâmica impacta diretamente a recepção da literatura indígena, que historicamente foi silenciada ou reduzida ao campo do folclore. Nesse sentido, a escrita indígena contemporânea surge como uma resposta direta ao silenciamento histórico, operando como um gesto de autoinscrição que desafia a visão de que os povos originários são apenas "personagens do passado".

Para compreender a profundidade desse enfrentamento, é imperativo trazer as vozes de pensadores indígenas para o centro da teoria. (Davi Kopenawa e Bruce Albert 2015), ao afirmar que “os brancos não escutam a floresta”, evidencia que o epistemicídio é também uma cegueira ontológica da modernidade, que separa o humano da natureza e ignora a complexidade das relações ecológicas e espirituais. Essa perspectiva converge com o pensamento de (Krenak, 2019), para quem a crise civilizatória contemporânea é fruto de uma “crise de imaginação”, derivada da ruptura colonial que tentou domesticar subjetividades e territórios.

A necessidade de ações de “re-in-surgir”, propostas por (Walsh, 2009), dialoga com a urgência de romper com essa inferiorização cognitiva. Esse movimento de descolonização epistemológica é, como aponta (Fanon, 1968), um processo existencial que exige a produção de novas narrativas capazes de restituir a agência aos sujeitos subalternizados. Portanto, a literatura indígena não é apenas estética; é uma prática de desobediência epistêmica que, ao ocupar o “entre-lugar” (Santiago, 2000), utiliza a língua e o suporte do colonizador para implodir suas categorias e afirmar outras ontologias.

Ademais, ao reivindicar a produção de conhecimentos situados, a crítica decolonial aproxima-se do pensamento fronteiriço de (Mignolo, 2003) que propõe a criação de saberes nos limites da modernidade. Assim, a reescrita do passado pela via literária indígena constitui-se como um gesto político que desafia os critérios de validação do saber e amplia as possibilidades de imaginar futuros descolonizados.

## **2. Literatura Indígena: e o entre-lugar, pensamento fronteiriço e desobediência epistêmica**

A literatura indígena contemporânea transcende a mera dimensão de expressão estética ou representação cultural, consolidando-se como uma prática discursiva, política e epistemológica situada nas tensas fronteiras entre a oralidade e a escrita, e entre cosmologias ancestrais e linguagens modernas. Ao ocupar esse entre-lugar epistêmico, tais produções não apenas habitam um espaço de enunciação híbrido, mas promovem um deslocamento que tensiona categorias canônicas da literatura ocidental e desafia as hierarquias de saber instituídas pela matriz moderno/colonial.

Nesse sentido, a análise aqui proposta integra os conceitos de entre-lugar (Santiago, 2000), pensamento fronteiriço e desobediência epistêmica (Mignolo, 2003) em um único movimento interpretativo. Tais referenciais não operam como um aparato

teórico isolado, mas são mobilizados de forma articulada para evidenciar como a narrativa indígena se constitui como um espaço de resistência intelectual e reinscrição simbólica. Assim, ao articular diferentes regimes de conhecimento e memória, essas obras não apenas ressignificam o passado marcado pela colonialidade, mas afirmam outras formas de existência e projetam horizontes ético-políticos para o futuro

## 2.1 Literatura indígena e a noção de entre-lugar

A obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (2015) materializa a condição de entre-lugar (Santiago, 2000) ao utilizar o suporte da escrita — a "pele de papel" — para articular uma crítica radical à própria racionalidade ocidental. Ao habitar esse espaço de tensão, Davi Kopenawa promove uma desestabilização das fronteiras disciplinares entre literatura e filosofia, operando o que se pode definir como uma operação analítica reversa. Em vez de se submeter aos critérios coloniais de validação do conhecimento, o autor inverte a lógica eurocêntrica que historicamente classificou os povos de tradição oral como "sem história" ou cognitivamente "atrasados". Para Kopenawa, a primazia da escrita alfabética não é um sinal de progresso, mas o sintoma de uma patologia cognitiva de uma civilização orientada pelo esquecimento. “Os brancos desenham suas palavras porque seus pensamentos estão cheios de esquecimento. Nós guardamos as palavras de nossos antepassados dentro de nós há muito tempo e continuamos a transmiti-las a nossos filhos.” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 443).

Essa enunciação constitui um gesto exemplar de desobediência epistêmica. Ao ocupar o entre-lugar, Kopenawa transforma a tecnologia do colonizador em um instrumento de denúncia, diagnosticando o "emaranhamento" e a "tonteira" metafísica da modernidade ocidental em oposição à memória viva e pneumática dos Yanomami. Assim, a narrativa deixa de ser um mero testemunho etnográfico para se afirmar como uma epistemologia ativa que desafia o monopólio ocidental do saber e reivindica a autoinscrição histórica indígena

Ao ocupar deliberadamente o entre-lugar, Kopenawa não apenas desafia os critérios de legitimação do saber ocidental, mas também prepara o terreno para uma ruptura política e intelectual mais ampla. Compreender como esse posicionamento estratégico se traduz em ferramentas concretas de contestação nos leva à discussão da

próxima subseção, que analisará o papel do pensamento fronteiriço e da desobediência epistêmica como eixos fundamentais da resistência na literatura indígena.

## **2.2 Pensamento fronteiriço e desobediência epistêmica na literatura indígena**

A eficácia decolonial da literatura indígena contemporânea reside na articulação entre o pensamento fronteiriço e a desobediência epistêmica. Se o entre-lugar constitui o espaço de enunciação, o pensamento fronteiriço (Mignolo, 2003) é a racionalidade que emerge desse limite, contestando a pretensa universalidade do conhecimento ocidental a partir de uma experiência histórica marcada pela colonialidade. Na narrativa de Davi Kopenawa, essa fronteira não é apenas um local geográfico, mas um dispositivo crítico que permite identificar os limites do saber moderno e confrontá-los com a sofisticação da cosmopolítica yanomami.

Nesse contexto, a desobediência epistêmica (Mignolo, 2003) manifesta-se como a ação política deliberada de validar regimes de verdade próprios em oposição direta à lógica colonial. Kopenawa opera o que se pode definir como uma “operação analítica reversa”: em vez de ser o objeto observado pela etnografia, ele assume a posição de um observador clínico que diagnostica a “tonteira” metafísica e a “patologia cognitiva” de uma civilização orientada exclusivamente pelo esquecimento e pela mercadoria. Ao afirmar categoricamente que “os brancos não escutam a floresta” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 407), o autor executa um ato de desobediência que desestabiliza a hierarquia epistêmica ocidental, a qual historicamente classificou o pensamento indígena como menor ou folclórico.

Essa desobediência é o motor fundamental para a resignificação do passado. Ao recusar o “esquecimento” intrínseco à escrita dos brancos — que Kopenawa descreve como uma prótese técnica para mentes que não guardam as palavras dos antepassados —, a narrativa indígena reinscreve a história da colonização como um processo de resistência ativa. Esse gesto retira os povos originários da condição de objetos inertes da historiografia oficial para reposicioná-los como sujeitos históricos ativos. A escrita de *A queda do céu* funciona, portanto, como uma “contra-invasão discursiva”, utilizando o suporte do colonizador para confrontá-lo com a cegueira de sua própria racionalidade.

Assim, a literatura indígena resgata uma memória viva que a colonialidade tentou apagar, projetando horizontes ético-políticos nos quais a descolonização do saber é

apresentada como uma condição indispensável para o futuro do planeta. Ao afirmar a soberania de suas ontologias, autores como Kopenawa demonstram que o ato de narrar é, essencialmente, um ato de resistência contra o epistemicídio.

### **3. Ressignificação do Passado: memória indígena e projeções ético-políticas do futuro**

Esta seção analisa como a obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (Kopenawa; Albert, 2015) opera uma profunda ressignificação do passado colonial, transformando o registro memorialístico em uma intervenção epistemológica que desafia as metanarrativas da modernidade. Longe de ser um relato estático, a narrativa de Kopenawa e Albert constitui uma prática de resistência onde a memória indígena yanomami emerge como uma categoria teórica fundamental. Enquanto a historiografia eurocêntrica depende de suportes materiais inertes — as "peles de papel" (papeo siki) —, a memória yanomami é descrita como uma faculdade viva, incorporada e transmitida pneumaticamente através das gerações

Ao reinscrever a história a partir da oralidade e do xamanismo, a obra opera uma "operação analítica reversa", diagnosticando a escrita alfabética ocidental não como progresso, mas como uma prótese técnica para mentes afetadas pelo esquecimento colonial. Esse gesto retira os povos originários da condição de objetos da história para reposicioná-los como sujeitos históricos ativos, capazes de denunciar o projeto moderno/colonial como um sistema de encobrimento e morte

A ressignificação do passado manifesta-se de forma aguda na tradução da devastação capitalista para categorias cosmológicas, como o conceito de "epidemia de fumaça" (xawara). Kopenawa utiliza essa categoria para explicar o presente e o passado de contato, interpretando a poluição industrial e a cobiça garimpeira como sintomas de uma "patologia da cobiça"

A destruição da floresta não é lida apenas por métricas socioeconômicas, mas como uma desorganização antrópica que afasta os espíritos xapiri e ameaça a estabilidade física do firmamento. Tal perspectiva reforça a conexão com o pensamento fronteiriço (Mignolo, 2010), ao desafiar os fundamentos epistemológicos da modernidade e propor uma ontologia relacional que recusa a separação entre natureza e cultura. A escrita de "A queda do céu" funciona, portanto, como uma "contra-invasão discursiva" que usa o

suporte do colonizador (o livro) para confrontá-lo com a "tonteira" (dizziness) metafísica de uma civilização orientada exclusivamente pela mercadoria

Finalmente, a obra projeta um horizonte ético-político voltado ao futuro, apresentando a preservação da floresta como condição indispensável para a "integridade cósmica". Kopenawa e Albert sustentam que o futuro da vida no planeta depende da capacidade de escutar a floresta e adiar o evento catastrófico da queda do céu, que ocorreria caso os pilares que sustentam o firmamento — mantidos pela atividade ritual dos xamãs e pelo equilíbrio ecológico — fossem definitivamente rompidos.

Essa visão converge com as reflexões de (Krenak 2019) sobre a necessidade de novas imaginações políticas que rompam o divórcio entre humanidade e terra. A desobediência epistêmica presente na narrativa valida regimes de verdade Yanomami como paradigmas soberanos de existência, oferecendo ao leitor literário decolonial uma via para descolonizar o imaginário e projetar "mundos outros" onde a integridade da biosfera seja inseparável do estado de consciência humano

### **Considerações Finais**

O presente artigo buscou analisar a literatura indígena contemporânea como um espaço privilegiado de ressignificação do passado histórico e de enfrentamento sistemático à colonialidade do saber, do poder e do ser. Ao longo desta reflexão, argumentou-se que tais produções não se limitam à representação estética, mas configuram-se como práticas políticas e epistêmicas capazes de reinscrever outras memórias e modos de existência no campo cultural latino-americano.

A análise da obra *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (Kopenawa; Albert, 2015) demonstrou como a tríade teórica proposta — entre-lugar, pensamento fronteiriço e desobediência epistêmica — materializa-se em uma práxis decolonial robusta. Ocupando o entre-lugar (Santiago, 2000) ao apropriar-se estrategicamente do dispositivo do livro, a narrativa de (Kopenawa e Albert, 2015) subverte a lógica colonial, transformando o suporte da escrita em uma plataforma para o pensamento fronteiriço (Mignolo, 2003). Esse movimento deixa de ser um relato etnográfico passivo para tornar-se uma "contra-invasão discursiva", na qual os pressupostos ontológicos Yanomami são mobilizados como ferramentas analíticas para dissecar e diagnosticar a patologia cognitiva da racionalidade ocidental.



Nesse sentido, a obra revela-se um gesto exemplar de desobediência epistêmica (Mignolo, 2010). Ao validar regimes de verdade ancestrais em oposição à matriz eurocentrada, (Davi Kopenawa e Bruce Albert, 2015) promovem uma ruptura com o "encobrimento do outro" (Dussel, 2012) e com as hierarquias impostas pela colonialidade do poder (Quijano, 2005). Esse processo retira os povos originários da condição de meros "objetos" da historiografia oficial, posicionando-os como sujeitos históricos ativos e intérpretes soberanos de sua própria trajetória.

Por fim, este estudo evidenciou que a literatura indígena contemporânea transcende a denúncia histórica ao projetar um horizonte ético-político voltado à integridade cósmica. *A queda do céu* propõe uma crítica civilizatória radical ao capitalismo predatório e ao antropocentrismo, apresentando a preservação da floresta como condição indispensável para o futuro da vida no planeta.

Ao afirmar uma ontologia baseada na interdependência absoluta entre humanos e não humanos, a narrativa oferece novos paradigmas de existência que desafiam o colapso iminente do mundo moderno. Conclui-se, portanto, que o ato de narrar para os povos indígenas é, fundamentalmente, um ato de resistência e de reinvenção da memória, essencial para a descolonização do imaginário e para a construção de projetos de vida plurais e sustentáveis.

## Referências

- DUSSEL, Enrique. **El encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad**. Buenos Aires: Docencia, 2012
- 
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução: Enilce Albergaria Rocha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968
- 
- FLECK, Gilmei Francisco. **A formação do leitor literário decolonial: vias à descolonização das mentes, das identidades e do imaginário na América Latina**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2025
- 
- GALINDO, María. **No se puede descolonizar sin despatriarcalizar**. La Paz: Mujeres Creando, 2013
- 
- GROSGOUEL, Ramón. **La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales**. Tabula Rasa, Bogotá, n. 4, p. 17-46, 2006
- 
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019
- LUGONES, María. **Colonialidad y género**. Tabula Rasa, Bogotá, n. 9, p. 73-101, 2008
- \_\_\_\_\_. **Heterosexualism and the colonial/modern gender system**. Hypatia, Hoboken, v. 22, n. 1, p. 186-209, 2014
- MIGNOLO, Walter. **Historias locales / diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2003
- \_\_\_\_\_. **La idea de América Latina**. Barcelona: Gedisa, 2005
- \_\_\_\_\_. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010
- QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000
- WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, sociedad: luchas (de)coloniales de nossa época**. Quito: Abya-Yala, 2009